

Rui Grácio | Catarina Fernandes

O AFINADOR DE PALAVRAS



Aquela **palavra** causava um fina dor e condizia com a sua decepção. Mas ele ainda não estava satisfeito. Queria dar-lhe **mais força**, certificar-se de que ninguém ficaria insensível a ela. Por isso encostou-lhe algumas novas palavras.

«Injusto, insidioso e pérfido».

Leu repetidamente as três palavras escritas. Agora sim! A primeira era uma classificação exacta. A segunda um **adjectivo** adequadamente expressivo e a última palavra era cortante e dava ao final o toque de estridência de um acorde dissonante.

«É isso mesmo (seja o que isso mesmo for). A **expressão** fala por si» — reflectiu entusiasmado. Mas, voltando a flectir no pensamento, observou:

— Contudo, está demasiado seco. Parece uma seta espetada na mouche de um alvo.

Depois pensou que aquelas três palavras mereciam um **destaque** e que tinha de as separar daquilo que seria a sua continuação. Por isso introduziu um parágrafo, e depois mais outro.

«É uma **pausa** que fala por si, um **silêncio falador**, um destaque subtil!» — cogitou — «Não é um título, mas torna aquelas palavras verdadeiras vedetas, como um artista num palco sob um foco de luz».

O **branco** da folha virtual em que escrevia, e onde a inscrição das palavras e dos espaços era accionado por meio de botões a que chamam teclas, apesar de ostentar apenas aquela frase seguida por dois espaços de parágrafo, estava já cheia de **palavras ocultas**, como o Sol a preparar-se para iluminar um novo dia e para dar visibilidade às sombras que nós sabemos serem efeito da luz sobre as coisas.

